

# O PRECONCEITO LINGUÍSTICO CONTRA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO SEMIÁRIDO POTIGUAR: ANÁLISES E APONTAMENTOS

Maria Clara de Souza Medeiros Marcelino<sup>1</sup>  
Paloma Sara de Moraes Arcaño<sup>2</sup>  
Cleidianne Costa da Silva<sup>3</sup>

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar o preconceito linguístico contra a Língua Brasileira de Sinais no cenário estudantil e cotidiano do semiárido potiguar. Para a construção deste trabalho, utilizamos como fundamentação teórica as pesquisas de Quadros (2003) sobre o preconceito com a Língua de Sinais e a respeito da importância da Língua de Sinais para a pessoa surda de Witkoski e Baibich-Faria (2010). Dispomos de uma metodologia qualitativa com base nos relatos de experiências expostos por meio de entrevista estruturada. Como ferramenta de coleta de dados utilizamos a ferramenta Google Meet, para realização de um questionário, no qual, buscamos coletar narrativas de experiências tanto da comunidade surda, como também da comunidade ouvinte no tocante a temática trazendo apontamentos que destaquem e se alinhem com as circunstâncias das narrativas apresentadas. A partir dos relatos foi possível perceber que há indícios de preconceito linguístico da Língua Portuguesa para com a Libras e de acesso tardio ao ensino da língua de sinais, em decorrência disso destacamos a necessidade de incluir a Libras nas escolas públicas e privadas, para promover a inclusão, pois a Libras é uma língua brasileira e precisa ser valorizada como tal para romper com mitos e preconceitos tão enraizados na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Português, Libras, Inclusão, Discussão.

## INTRODUÇÃO

Historicamente, há muito e por muito tempo as pessoas surdas foram excluídas e desenganadas pela sociedade, a prova disso reside nos registros de um dos mais conhecidos filósofos do mundo, Aristóteles (384 – 322 a.C.) que afirmava: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdomudo<sup>4</sup> se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, a que ponto chegara o desconhecimento sobre o que se passava na cabeça dos sujeitos surdos, fazer a sociedade por muito tempo acreditar que esses sujeitos eram incapazes de se comunicar e até mesmo de

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), [palomasara2607@gmail.com](mailto:palomasara2607@gmail.com).

<sup>2</sup>Graduanda do curso Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), [palomasara2607@gmail.com](mailto:palomasara2607@gmail.com).

<sup>3</sup>Professora orientadora: Mestra, Universidade Federal Rural do Semi-Árido- UFERSA, (UFERSA), [cleidianne@ufersa.edu.br](mailto:cleidianne@ufersa.edu.br)

<sup>4</sup> Denominação incorreta para se referir a pessoa surda.

pensar. Tempos depois, enquanto a língua de sinais permanecia proibida por consequências do Congresso de Milão em 1880 que reconheceu como melhor método para educação dos surdos o Oralismo, ignorando totalmente o bem-estar e a opinião dos próprios surdos, o que possivelmente impediu sua inserção ativa na sociedade. Infelizmente, até os dias atuais existem cicatrizes desse período, e o preconceito é a principal consequência disto, que inclusive perpetua-se pela nossa sociedade onde os ouvintes comodamente opinam deliberadamente sem conhecimento científico sobre as vivências e restabelecimento dos surdos na sociedade, falando com falsa propriedade sobre Língua de Sinais, preconceito linguístico e a própria exclusão social evidenciando a concepção de Balbaaki (2011, p. 1888) “A surdez, por sua vez, na Antiguidade Clássica, já era identificada como diferença, desde então, e também por boa parte da história da humanidade, foi estigmatizada.”

Nesse sentido, a motivação deste estudo se deu a partir da reflexão acerca da rejeição e desinformação sobre a língua de sinais, fazendo com que esses estigmas sejam perpetuados na língua até os dias atuais, sendo encarada como um dialeto inferior por ser usada majoritariamente por pessoas que muitas vezes são vistas como incapazes pela sua deficiência, o público surdo.

Diante disso, o objetivo deste estudo consiste em analisar o preconceito linguístico contra a língua de sinais, na região do Semiárido Potiguar, para que possivelmente possamos também pensar sobre as implicações de como o curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido- UFERSA/ Campus Caraúbas-RN, pode contribuir para romper esses preconceitos e disseminar informações utilizando as diversas fontes/plataformas de informação e comunicação sobre o uso e o benefício de aprender e utilizar a língua de sinais. Este estudo é de natureza qualitativa, para isso utilizamos como critério de inclusão na pesquisa participantes que são alunos de cursos do Campus relacionados e não relacionados ao curso de Letras Libras no ano de 2023. Para atingir os objetivos da nossa pesquisa, construímos dois questionários (um voltado para um grupo que tem pouco ou nenhum contato com a Língua Brasileira de Sinais e outro grupo de surdos ou usuários da Língua Brasileira de Sinais). Por meio do Google Meet, abrimos espaços reflexivos sobre o preconceito linguístico na nossa região. Os sujeitos da pesquisa foram os discentes da UFERSA/ Caraúbas (surdos e ouvintes). Para conhecer as perspectivas dos alunos, tanto surdos como ouvintes, foram estruturadas entrevistas que possuem o mesmo formato e caráter interrogativo. A escolha das questões, assim como a sua sequência segue um padrão que evidencia num primeiro momento: a relação dos participantes com a língua de sinais; num segundo momento: as

interações comunicacionais entre surdos e ouvintes utilizando a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa.

É salutar destacar que a construção dessa entrevista subsidiou toda a estrutura desse trabalho, no sentido de compreender os fatos e opiniões que permeiam a Língua Brasileira de Sinais na comunidade. Ademais, o estudo ancora-se nas pesquisas de Witkoski e Baibich-Faria (2010), a respeito da notoriedade da língua de sinais na vivência pessoa surda no contexto social e sobre o preconceito com a língua de sinais Quadros (2003).

## **METODOLOGIA**

O estudo foi realizado através da ferramenta *Google meet*, na qual, foram abertos espaço para reflexão sobre a Libras. Os sujeitos da pesquisa são dois alunos da comunidade surda e dois alunos da comunidade ouvinte, discentes da UFERSA/ Caraúbas-Rio Grande do Norte, que terão suas identidades resguardadas. Foram realizadas no mês de abril do ano de 2023. Como partimos de dois grupos distintos, surdos e ouvintes, buscamos a perspectiva dos dois contextos para enriquecer as discussões em torno da temática.

É importante destacar que as entrevistas realizadas com os sujeitos surdos foram gravadas para realizar a transcrição baseada na interpretação da sinalização destes. Já os ouvintes tiveram as suas falas transcritas através da gravação de áudio das chamadas realizadas.

Essa pesquisa foi construída por meio da leitura de livros e artigos científicos que discutem e tratam sobre as temáticas: histórico da língua de Sinais e preconceito linguístico. Organizamos os tópicos com base na singularidade de cada conceito, e a partir dessas leituras, passamos a desenvolver as questões norteadoras das nossas entrevistas e a estrutura do trabalho como um todo. A análise dos dados também teve como base a compreensão dos conceitos e autores abordados, onde podemos encontrar elementos implícitos nas falas dos sujeitos que evidenciam os conceitos e discussões abordados na pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os relatos foram transcritos do Google Meet para podermos analisá-los com mais afinco. A partir da análise categorizamos os relatos em quatro eixos: Aquisição da Libras na comunidade surda; A importância de os ouvintes aprenderem a Libras como segunda língua e suas vivências; A importância de os Surdos aprenderem português como segunda língua e

suas vivências; Rejeição a Libras. Começamos nossas exposições percorrendo sobre os conhecimentos gerais e superficiais dos ouvintes entrevistados sobre Libras:

*Ouvinte 1: Meu entendimento sobre o mesmo é pouco, na verdade não sei nada, acho que até tenho que melhorar isso. Tanto para o lado do conhecimento sobre libras como também para se comunicar com as pessoas que se conectam dessa maneira.<sup>5</sup>*

*Ouvinte 2: LIBRAS é uma sigla que significa Língua Brasileira de Sinais. É a língua usada por pessoas da comunidade surda, podendo também ser usada por ouvintes que desejam se comunicar com pessoas surdas.*

O relato do ouvinte 1 acerca da Língua Brasileira de Sinais é reflexo da desinformação eminente sobre o tema na nossa sociedade, por mais que esteja inserido no contexto universitário, e ter afirmado posteriormente já ter tido contato com surdos durante sua vida, podemos perceber que há um certo receio no primeiro momento, em admitir não saber nada sobre. O entrevistado fala que sabe pouco, mas, logo em seguida confirma não saber nada. Reconhecendo que precisa se esforçar para obter mais conhecimentos e para conseguir se comunicar plenamente com os usuários da língua.

Por outro lado, o ouvinte 2 está evidentemente mais inteirado acerca do tema e reconhece principalmente o fato de que a língua de sinais pode ser usada pelos ouvintes que desejam se comunicar com os surdos, é perceptível um abismo referente aos conceitos internalizados de Libras entre um e outro visto que o ouvinte 1 sequer cita o fato de a Libras ser considerado uma língua.

Sabemos que ambos representam uma grande porcentagem de pessoas que têm conhecimento básico ou superficial, mas que estão dispostas e abertas a conhecerem mais sobre a Libras e as vivências surdas, o que falta é oportunidade e divulgação da informação.

Para refletirmos sobre o preconceito linguístico contra a Língua de Sinais externamos as considerações de Wrigley (1996, p. 71): [...] surdos são pessoas que ouvem com ouvidos defeituosos. Se pudéssemos consertar os ouvidos, eles estariam ouvindo. Esta lógica comum na verdade é comum, mas não necessariamente lógica. Os negros são pessoas brancas que possuem pele escura. Se pudéssemos consertar a pele, eles seriam brancos. As mulheres são homens com genitália errada..., e por aí vai. Essas transposições cruas revelam um tecido social de práticas pelas quais nós sabemos quais identidades são tanto disponíveis quanto aceitáveis.

As ponderações do autor sobre a surdez e o fundamento preconceituoso nos remete à reflexão sobre como nós enquanto sociedade, majoritariamente ouvintes enxergamos as pessoas surdas e reforçamos pensamentos antiquados e reacionários do sistema no que diz respeito a minorias, no caso, população surda para com os ouvintes. Em relação ao primeiro contato discutimos um pouco sobre rejeição à Língua Brasileira de Sinais, questionamos os participantes se em algum momento da vida houve a existência dessa rejeição:

*Surdo 1: No começo eu tive sim muita vergonha de começar a sinalizar, pois só conhecia gestos e via as outras pessoas sinalizando fluentes, rápido e eu não conhecia. Na verdade, a rejeição que eu senti em relação à Libras foi sempre vinda das outras pessoas, principalmente na escola, ficavam debochando de mim e tinham muito preconceito.*

*Surdo 2: Quando eu nasci, eu era bebê, minha mãe, meu pai, minha família, eles não sabiam, eles falavam e eu não ouvia nada. Então me levaram ao médico, que disse que eu era surda, foi uma surpresa para família, não sabiam nada de Libras. Para estudar eu não tinha conhecimento da Libras, não sabia nada, com cinco ou seis anos procurava orientação, mas não tinha nada, não entendia o que falavam, não conhecia nenhum surdo que soubesse Libras. Usava apenas gestos e sinais caseiros, procurava intérprete de Libras e não encontrava, não encontrava intérprete para me ensinar Libras. O primeiro contato que tive com a Libras foi no CAS, o intérprete me ensinou o básico da Libras, tinha uns nove ou dez anos, aprendi um pouco da Libras lá no CAS. Depois, no ensino médio, não tinha intérprete. Fui desenvolver a Libras na UFERSA, onde fiquei fluente e entendia tudo claro, antes usava sinais caseiros e gestos.*

Witkoski e Baibich-Faria (2010), enfatizam sobre a importância da Libras para a pessoa surda, pois a partir de Língua que nos constituímos como sujeitos atuantes na sociedade e construímos nossa identidade. Com isso, para a pessoa surda, a Libras se faz essencial, pois é sua a língua materna. Por isso se faz necessário sua aquisição desde a infância para que possibilite o seu desenvolvimento, sua autonomia. Quando questionados sobre a importância de os surdos aprenderem e terem contato com a Língua Portuguesa os participantes afirmam:

*Surdo 1: Eu não aprendi nada de Português durante os primeiros anos da minha infância, no sexto ou sétimo ano foi que começou as adaptações da Libras para o Português e isso foi o que facilitou a minha aprendizagem das palavras e também as explicações dos*

*professores para mim que ficavam me dando dicas sobre português, foi aí que eu fui evoluindo e desenvolvendo. Depois, lá no CAS foi onde eu aprendi bastante sobre Português, as palavras, criar frases, os textos, as atividades, e eu fui compreendendo e esclarecendo tudo na minha mente. É muito importante aprender o Português porque facilita nossa comunicação com os ouvintes, a comunicação escrita por exemplo, interagir, entender as coisas que estão escritas no mundo, por exemplo, se tiver sinais que eu não entendo tem a possibilidade de escrever e eu entender; o Português faz parte da comunicação e é fundamental aprender.*

*Surdo 2: Acho importante português, mas é difícil. Adaptar as palavras, as frases, ler textos grandes, tem muitas palavras que não conheço, então é difícil. Português é difícil, não é fácil. A ordem, estrutura é diferente, não conheço. Preciso aprender e praticar mais. Acho importante ter a libras como principal forma de comunicação, e ter ajuda para aprender português, para tirar dúvidas de uma palavra que não conheço e adaptar os textos. No CAS também aprendi um pouco de português, só o básico, era sinal/ palavra, não foi um ensino profundo.*

*Ouvinte 1: Sim, de suma importância! Porque assim ele adquire conhecimento e de certa forma ajuda a ele se comunicar com outras pessoas através do aprendizado sobre o português.*

*Ouvinte 2: Sim, pois é a língua usada no Brasil. É importante principalmente para surdos que pretendem se dedicar a vida acadêmica.*

A importância de os surdos aprenderem o Português como segunda língua e suas vivências: percebemos que há uma dificuldade no processo de ensino e aprendizagem do Português como L2 para a comunidade surda, pois há falta de acesso à escola bilíngues, a materiais adaptados, específicos para aquisição do Português para surdos. O que gera, muitas vezes, a discriminação do Português escrito. Precisamos que o ensino de Português seja numa perspectiva de acrescentar mais conhecimentos e não de forma a oprimir os sujeitos surdos. Em relação ao aprendizado da Língua Brasileira de Sinais por parte ouvintes:

*Surdo 1: Eu acredito que a Libras e as Línguas de sinais são importantes para serem aprendidas pelos ouvintes, você descobre novas*

*palavras, novos sinais, aprender o básico já ajuda demais. É importante para que se consiga ter uma comunicação entre surdos e ouvintes, ter contato e interação para que os ouvintes consigam ter fluência, o motivo principal dos ouvintes aprenderem Libras é mais pela comunicação mesmo.*

*Surdo 2: É importante o ouvinte aprender Libras. Importante ter empatia, para comunicação com a pessoa surdo o melhor é aprender Libras. Por exemplo, ouvintes que estão aprendendo Libras porque tem contato com surdos, se o ouvinte não tem contato é difícil aprender Libras, importante ter a troca de saberes, ter o contato com surdo. Se o ouvinte só sabe falar português, não sabe nada de Libras, como vai se comunicar com a pessoa surda? Precisa procurar aprender Libras, cursos, na universidade, aprende o básico, depois desenvolve e consegue ficar fluente. Procurar contato com as pessoas surdas para conversar. Importante que no futuro os professores ensinam Libras para as crianças.*

*Ouvinte 1: Tanto para o lado do conhecimento sobre Libras como também para se comunicar com as pessoas que se conectam através dessa maneira.*

*Ouvinte 2: É através da Libras que o surdo vai conseguir se comunicar e se expressar de forma efetiva, além disso, é através da língua que atuamos como sujeitos ativos na sociedade.*

Para Bagno (1999), vivemos em um país multilíngue, mas, infelizmente, na relação com a sociedade temos a concepção de que o Brasil é monolíngue. Temos muitas línguas em território nacional, como línguas de sinais, línguas indígenas, línguas de imigrantes e também diferentes variedades da língua portuguesa. O preconceito linguístico pode fazer com que uma comunidade linguística tenha prejuízos na sua formação, no acesso ao conhecimento, na participação social, justamente por ter uma língua diferente, ou ainda, usar uma variante diferente.

Infelizmente, devido a um contexto histórico de exclusão da pessoa surda, da proibição da língua de sinais, impacta até os dias atuais, na qual, a pessoa surda e a sua língua são vistas como inferior. Assegurar o direito linguístico à pessoa surda implica na formação de profissionais na área, para possibilitar o conhecimento da Libras, com isso valorizar a língua, com isso, romper com os preconceitos com a Língua e com as pessoas surdas, para promover

a visibilidade e romper com os preconceitos, como foi salientado: “Para enfatizar a importância e a urgência de desconstruir as representações preconceituosas que envolvem o ser surdo, entre os quais a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada, construindo outra narrativa na qual sejamos “vistos como sujeitos surdos e não sujeitos com surdez” (Witkoski 2009, p.574).

A importância de os ouvintes aprenderem a Libras como segunda língua e suas vivências: a partir dos relatos percebemos a necessidade dos ouvintes de ter a Libras como L2, pois é por meio da Libras que nos comunicamos com a comunidade surda e temos a troca de saberes e diálogos. Para garantir a linearidade da narrativa questionamos aos participantes surdos da pesquisa que relatassem um pouco sobre possíveis rejeições sofridas simplesmente pelo fato de serem usuários da Língua Brasileira de Sinais e as respostas foram:

*Surdo 1: Já fui rejeitada, isso infelizmente já aconteceu comigo, no tempo da escola, eles diziam que sinalizar era feio, me humilhavam, me diminuía, me chamavam de surda-muda, muda, e eu me sentia muito mal.... Ficava com aquele sentimento estranho dentro de mim, fazendo gestos obscenos, me xingando, diziam que eu era doída e eu ficava sem entender; só ficava calada porque afinal, nós éramos crianças, mas mesmo assim eu me sentia muito mal. Já na universidade, isso nunca me ocorreu, somente na escola.*

*Surdo 2: Sim, infelizmente tem muitas pessoas que nos veem como mudos, não tem conhecimento sobre a Libras, ignora a pessoa surda quando encontra, tem preconceito com a libras, acha o português superior, diz que o surdo não sabe português, ignoram o surdo sinalizando, acham ruim. Antes quando eu não sabia Libras eu tinha vergonha, porque não sabia nada de libras, agora que aprendi, amo a Libras e acho muito importante.*

Sabemos que o princípio da comunicação é o entendimento, passar a mensagem, transmitir a informação, as opiniões, os sentimentos, e negar a existência desse preconceito ou da rejeição a aprender a Língua de Sinais influenciado pela crenças e costumes retrógrados reforçados constantemente pelo senso comum na nossa sociedade impacta e gera barreiras que não deveriam existir na vida social de nenhum cidadão, Fiorin (2015) afirma que a linguagem é essencial para nossa vivência em sociedade, pois através dela nos comunicamos, percebemos o mundo e agimos nele.

Percebemos que há de fato uma rejeição a Libras e por consequência, ocorre a discriminação do sujeito surdo, no qual, não tem acesso a sua língua materna. O que impacta também na trajetória escolar. Em contrapartida, quando nos deparamos com a realidade dos surdos na sociedade e na própria escola (um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento socioideológico dos cidadãos surdos e ouvintes) as barreiras advindas dos estigmas causados pela surdez e a falsa inclusão permeadas pela opressão desses sujeitos, a autora QUADROS (2003) afirma:

Nas propostas de inclusão, se observa a submissão/opressão dos surdos ao processo educacional ouvinte nas propostas integracionistas. Inicia-se no condicionamento de todo o processo educacional ao ensino do português até a descaracterização completa do ser surdo. A pessoa surda enquanto parte da cultura surda é descoberta fora da escola (quando isso acontece). Assim, os alunos surdos são constantemente expostos ao fracasso tendo como causa a sua própria condição (não ouvir) e não as condições reproduzidas pelo sistema. (QUADROS, 2003, p. 87)

As considerações da autora evidenciam as atitudes por parte do sistema educacional que segrega a cultura surda e enaltece a cultura ouvinte, induzindo tanto os sujeitos surdos como os ouvintes a adotarem um preconceito principalmente linguístico pois desconsidera as particularidades da língua materna dos surdos.

Para contestar esse comportamento retrógrado e progressivo, ressaltamos a importância de se considerar o bilinguismo como alternativa presente na vida da comunidade surda: [...] Na abordagem bilíngue é proposto que o surdo se aproprie da Língua de Sinais como primeira língua e secundariamente que seja aprendida a língua majoritária, para que a interação flua e a criança surda seja exposta o mais precocemente possível à Língua de Sinais [...] (SCHIAVON, 2012, p. 44). Questionados sobre o contato com os surdos por meio da sinalização ou Português de modalidade escrita, os ouvintes afirmam:

*Ouvinte 1: Sim, (tentei), mas, acho que ele não entendeu o que realmente quis dizer. A história é a seguinte, na minha rua existe um surdo mudo e ele ficava na calçada e quando eu passava ele sempre tentava se comunicar comigo, e eu da minha forma tentava destrinchar para ver se ele entendia sobre o que eu queria dizer, mas, acho que no final ele não entendia...*

*Ouvinte 2: Me comunico com surdos através da Libras. Sei muito pouco, mas eles sempre me ajudam a aprender mais.*

Muitas formas de comunicação são adotadas pelos ouvintes para tentar suprir a falta da aquisição da Libras como L2, no relato do ouvinte 1 podemos mais uma vez observar um linguajar antiquado para se referir ao sujeito surdo quando fala “na minha rua existe um surdo mudo” apesar de não descrever qual estratégia usava para se comunicar, deduzimos que o ouvinte usou os gestos como recurso para se comunicar, mas não obteve sucesso.

O ouvinte 2 tem uma realidade bem diferente do ouvinte 1, afirma saber um pouco de Libras, mas apesar disso se comunica plenamente e interage de forma significativa a ponto de conseguir entender e seguir as instruções dadas pelos próprios surdos. Preconceito linguístico sentido na pele; português escrito da comunidade surda:

*Surdo 1: Já aconteceu sim, principalmente quando eu tinha pouco contato com o Português, os ouvintes diziam que eu trocava as palavras, que eu não sabia nada de Português, que era estranho o jeito que eu escrevia e que não dava para entender e por isso me menosprezavam, eu me sentia mal, eu precisava de ajuda com o Português e também praticar... Ter mais contato para conseguir melhorar, até mesmo nas redes sociais com ajuda de amigos porque o Português não é fácil, ainda troco algumas palavras mas hoje é muito melhor.*

*Surdo 2: Já. Antigamente usava o MSN, conversava com meus amigos, sempre pedia para outro amigo traduzir o português, porque eu não entendia nada, ou a minha mãe me ajudava também, a enviar as mensagens, porque eu trocava a ordem das palavras nas frases, então meus amigos não entendiam nada que eu escrevia, às vezes eu pedia para alguém escrever e fingia que era eu. Agora estou aprendendo a escrever melhor, meus amigos estão me ajudando. Quando não conheço uma palavra minha mãe também me ajuda e também uso o handtalk.*

Percebemos como os ouvintes lidam com as diferenças entre as línguas e as formas escritas de comunicação, as narrativas ressaltadas pelos surdos 1 e 2 se interligam e reafirmam uma realidade carregada de preconceitos, principalmente no ato de escrever. É importante ressaltar que o principal objetivo da comunicação é passar a mensagem levando em consideração que as estruturas das línguas (Português e Libras) são diferentes, é comum que haja uma diferença no Português escrito pelos surdos, “aquilo que se dá a perguntar para que seja perguntado de muitas maneiras e aquilo que se dá a dizer para que

seja dito de muitas maneiras” (LARROSA, 1998, p. 179). A maioria das pessoas desconhece esse objetivo da comunicação e acaba por reproduzir discriminações linguísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos conceitos e narrativas analisadas observou-se que ocorre uma certa dificuldade na aquisição da língua de sinais, um dos fatores que contribui para isso é a desinformação acerca da língua, pois as famílias muitas vezes não conhecem a Libras, o que impede o acesso à língua. Sabendo que aquisição da língua é fundamental para viver em sociedade e agir no mundo, quando ocorre a aquisição tardia, também gera outros tipos de prejuízos na construção da identidade do sujeito, no qual, comumente passa a utilizar de gestos e sinais caseiros, na tentativa de se comunicar, quando não tem o conhecimento da Libras.

Como estratégias para combater o preconceito linguístico e disseminar a importância que a língua de sinais tem no desenvolvimento da sociedade como um todo por intermédio da inclusão destacamos também a importância do sujeito surdo ter acesso a uma educação bilíngue, que possibilite a aprendizagem da Libras como L1 e do português como L2, da maneira que valorize a Libras e que o ensino do Português seja no entendimento de segunda língua, pois são duas línguas diferentes, que possuem estruturas e normas diferentes, por isso ocorre uma dificuldade natural, mas que pode ser superada com metodologias específicas para o ensino de Português para alunos surdos.

Podemos concluir que a Libras faz-se essencial para a vida do sujeito surdo. Ter o primeiro contato, assim como a manutenção constante com a língua para poder ter o seu desenvolvimento pleno, sendo fundamental para romper com preconceitos que estão enraizados na sociedade que discriminam a pessoa surda e não as incluem na sociedade como pessoas que possuem direitos humanitários, assim como as demais.

Validamos a partir dessas reflexões e estudos que o ato de valorizar a língua de sinais e a pessoa surda; assim como requerer que cada vez mais sejam construídos e inseridos em outras cidades do estado cursos renomados (Letras Libras) que contribuem grandemente com o ativismo anti capacitista contra a língua de sinais no Semiárido Potiguar; incluir a disciplina de Libras nas escolas públicas e privadas, para possibilitar que os alunos surdos e ouvintes tenham contato desde a primeira infância com a língua e conseqüentemente com as pessoas surdas, e essa condição de conhecimento e aproximação possa romper com a barreira linguística que gera preconceitos, afasta, discrimina e segrega as pessoas surdas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAALBAKI, A. C. F.; CALDAS, B. Impacto do Congresso de Milão sobre a língua dos sinais.

Cadernos do CNLF (CiFEFil). Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011. v. X, p. 1885-1895.

BAGNO, Marcos. Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz. São Paulo, edições Loyola, 1999. BAGNO, Marcos.

BAUER, M., AARTS, B., A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. e GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 57.

BOTELHO, Paula; Linguagem e letramento na educação dos surdos - Ideologias e práticas pedagógicas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FIORIN. Linguagem humana: do mito à ciência. IN: \_ (org.). Linguística? Que é isso? São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-32.

LORENZINI, N. M. P. Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

QUADROS, Ronice M de. Situando as diferenças implícitas na educação de surdos: inclusão/exclusão. Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. Revista Brasileira de Educação, v. 14, p. 565-575, 2009.

WITKOSKI, Sílvia Andreis; BAIBICH-FARIA, Tânia Maria. A importância da Língua de Sinais para as pessoas surdas na construção de uma linguagem plena e genuína. Contrapontos, v. 10, n. 03, p. 338-344, 2010.